

DARWIN: UM HOMEM DO SEU TEMPO¹

RENATO LUIZ GAMA SOUZA

Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense; Pós-Graduado em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense; Pós-Graduado em Gestão Escolar pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professor da rede Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

Resumo: Charles Darwin foi um cientista que viveu intensamente a ideologia do século XIX: evoluir. O século XIX foi um século burguês, onde a ideologia liberal pregava o progresso humano. A herança produzida desde o século XVI, com a Renascença, a Revolução Científica do século XVII e o Iluminismo do século XVIII produziram na mentalidade humana o desejo pelo conhecimento, pelo progresso intelectual, social e econômico, onde a permanência do homem na mesma posição não era vista só como um atraso social, mas também, como um atraso mental. Para legitimar o imperialismo europeu sobre os demais povos, Darwin trouxe a sua *Teoria da Evolução* para argumentar a superioridade branca. Até hoje, esta teoria traz polêmicas. Mas vemos nela um grande objetivo da raça humana: evoluir.

Palavras-chave: Darwin, ciência, evolução.

DARWIN: A MAN OF HIS TIME

Abstract: Charles Darwin was a scientist who lived intensively the ideology of the XIX century. This century was a bourgeoisie one, where the liberal ideology used to proclaim the human progress. The legacy produced since the XVI century, with the Renaissance, the Scientific Revolution of the XVII century, and the Enlightenment of the XVIII century, produced in the human being's mentality, the desire for knowledge, for the intellectual, social and economic progress, where the man's remaining in the same position was not only seen as a social delay, but also as a mental delay. To justify the European imperialism over the other nations, Darwin brought his Evolution Theory to attest the white superiority. Until today, this theory brings polemics. But we will see on it a big aim of the human race: to become developed.

Keywords: Darwin, Science, Evolution

O Século XIX Como o Século das Idéias de Progresso

O século XIX foi tributário da Revolução Dupla. Esta revolução teve duas faces complementares: a face econômica ocorreu na Inglaterra (a Revolução Industrial) e a face política aconteceu na França (a Revolução Francesa). Estas revoluções, inspiradas pelos ideais do *laissez faire e laissez paissez* do Iluminismo, geraram uma cultura de progresso, desenvolvimento e liberdade, no qual o século XIX se inspirou. Apesar das resistências conservadoras da aristocracia, que resultaram nas Revoluções de 1830 e 1848, a concepção de

¹ Este texto foi uma palestra proferida no Colégio Salesiano da Região Oceânica de Niterói e no Colégio Santa Rosa de Lima em Botafogo.



progresso vinculado às liberdades individuais geraram na Europa uma visão de civilização superior na qual a sociedade europeia é credora e modelo do mundo.

A oportunidade de ascensão social através do talento fez nascer na burguesia um ótimo estímulo para crescer nos âmbitos financeiro e intelectual. O desenvolvimento capitalista da Europa foi um grande resultante da produção industrial e do comércio que irá esticar seus tentáculos pelo restante do mundo. Mas junto à produção, os europeus exportaram também seu paradigma de civilização, sua cultura, sua religiosidade e sua maneira de pensar. As normas de etiqueta e a moda européias foram difundidas como ideal de uma sociedade evoluída que todos os povos não-europeus deveriam seguir, ou seja, as palavras “civilização” e “progresso” eram vistas como sinônimos de “cultura européia”. A *Belle Epóque* foi o termo que resumia o estilo de vida “evoluída” da Europa. No Brasil, as ideias de progresso foram inspiradas na *Belle Epóque* francesa. O prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos iniciou o processo de urbanização do Distrito Federal seguindo o modelo urbanístico da França, mostrando ao mundo e ao interior do Brasil que estávamos no caminho do progresso. Este desenvolvimento que o Brasil experimentou no início do século XX não se restringiu ao remodelamento do centro do Rio. Oswaldo Cruz planejou um grande projeto de higienização da capital, gerando grandes escândalos na mentalidade popular. O maior exemplo disso foi a *Revolta da Vacina*, onde a população protestou contra a vacinação obrigatória do governo. Anos mais tarde, na década de 20, o governo lançou o Projeto *Agache* que estendeu a urbanização para o restante do centro do Rio, chegando ao bairro da Lapa e a alguns bairros de Curitiba, no Paraná.

Até mesmo nos padrões da etiqueta europeia, principalmente a França, faziam moda. Desde o final do século XVIII, as mulheres finas no Brasil tentavam seguir a estética do Velho Mundo. Em síntese: estar no caminho do progresso era seguir o modelo da cultura e da sociedade européias.

A Ciência no Século XIX

A confiança no sucesso da sociedade burguesa ficou muito evidente no avanço da ciência. As academias científicas e as universidades da França criaram seus clones na Europa e nas Américas com o intuito de estimular o pensamento e o progresso científico e gerar mão-



de-obra intelectual. Com o desenvolvimento da economia francesa, Napoleão Bonaparte criou a Escola Politécnica, instituição capaz de gerar técnicos muito mais brilhantes do que a Revolução Industrial inglesa, que por sua vez, não necessitava de especialistas para manusear suas máquinas. A Escola Politécnica francesa serviu de inspiração para grande parte da educação ocidental, pois sistematizou a formação de cientistas e técnicos especializados para o progresso que o século XIX produziu. A Alemanha foi o país que adotou o modelo de educação francesa com uma perfeição tão grande que em pouco tempo conseguiu ultrapassar o sistema de ensino francês. O maior exemplo disso foi a Universidade Livre de Berlim que, até hoje, é uma grande geradora de intelectuais. O resultado disso foi o desenvolvimento alemão que, antes mesmo da unificação em 1871, já dava pistas de que a antiga Prússia terminaria o século XIX como grande potência imperialista.

O racionalismo foi a mola propulsora do século XIX. A sede de conhecimento gerou a criação de novas ciências, como a geologia, sociologia, a psicologia e o aprofundamento dos estudos da química, matemática e física, com o intuito de fornecer ao Capitalismo um grande conhecimento teórico para o desenvolvimento do comércio de seus produtos. Lembremos que, como resultado do desenvolvimento capitalista, o século XIX viu o nascimento do Imperialismo: uma forma de impor aos países pobres a economia e a civilização dos europeus. Em outras palavras, o progresso científico do século XIX foi um grande instrumento de dominação e exploração social dos europeus em relação aos povos “atrasados”.

Darwin e seu Contexto

Na concepção de civilização e de atraso, Charles Darwin foi um homem de seu tempo. Sua teoria evolucionista foi plenamente contextualizada na sociedade do século XIX, pois legitimou a dominação de africanos, asiáticos e latino-americanos pelos europeus. A mentalidade era de que o europeu detinha o desenvolvimento como fruto de sua superioridade racial. O atraso africano era o produto de uma inferioridade étnica que só poderia ser amenizada com a “educação civilizatória” que os europeus brancos poderiam lhes fornecer. Assim, a colonização européia na África e na Ásia não levou só à exploração econômica, mas também à dominação cultural, impondo aos nativos o modo de vida que os europeus julgavam



ser o exemplo de civilização e de superioridade. Observando por sua ótica, os europeus queriam levar aos nativos o progresso em sua totalidade.

Na América Latina, de maneira mais específica no Brasil, existia um fator que inferiorizava o povo em relação à África e à Ásia: a miscigenação. O povo brasileiro, no século XIX e no início do século XX, era considerado um dos piores povos do mundo pelo fato de ser mestiço. Na concepção darwinista, o brasileiro herdou os piores defeitos dos povos de origem: a “preguiça” do indígena, a “falta de inteligência” do negro e a “malandragem” do branco. Monteiro Lobato escreveu seus livros mostrando o povo brasileiro como um povo roceiro, matuto e preguiçoso. Somente na década de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder com sua proposta de construção de uma identidade nacional é que o povo brasileiro passou a ser visto por uma nova ótica: a superioridade da etnia brasileira graças à miscigenação. Getúlio mostrou que o povo brasileiro era superior devido o fato de ser mestiço. Seguindo a linha de raciocínio varguista, o povo brasileiro é superior pelo fato de ter herdado as principais qualidades das demais etnias: a “bondade” do indígena, a “força” e a garra do negro africano, a “disciplina” do oriental e a “inteligência” do europeu. Vemos aí também um ideal racista. Mas Vargas foi além na construção de uma identidade. Através do corpo intelectual do governo – construído pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) –, citando Gilberto Freire, criou-se a concepção de “democracia racial”, onde fazendeiros brancos, escravos negros e nativos viviam em perfeita harmonia. O senhor de engenho corrigia seus negros escravos como um pai disciplina amorosamente seu filho com uma chinelada. Tanto que Monteiro Lobato se adaptou à propaganda governamental, mostrando em suas histórias o camponês como um povo ordeiro e trabalhador. A imagem do *Jeca Tatu* foi aos poucos deixada de lado. Por maior que fosse a boa vontade de Vargas em gerar uma identidade e uma proposta de evolução, sua proposta ainda possuía um fundo racista muito grande, ou seja, Darwin ainda tinha influência no Brasil.

Como então explicamos o desenvolvimento dos Estados Unidos? Na concepção darwinista os Estados Unidos puderam progredir devido ao fato de seguir o modelo cultural e genético da Europa. A população branca se sobrepôs aos “povos inferiores” (negros, indígenas e latino-americanos), civilizando o país aos moldes europeus. Os EUA foram encarados como um país de estrutura social idêntica à europeia, mesmo estando fora da



Europa. Até hoje, a cidadania norte-americana é sagrada. Quando alguém fere a dignidade dos cidadãos dos Estados Unidos, acaba gerando um motivo para guerra e confrontos militares. Os atentados do 11 de setembro nada mais foram do que uma ofensa à moral de uma cultura que se define como superior. Os valores básicos do Iluminismo pregados na Revolução Francesa (*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*) são a matriz da cidadania norte-americana. Os direitos civis e políticos dos Estados Unidos se propagam como exemplo de uma “democracia” que deveria ser exemplo para o mundo. Mas ninguém comenta os sacrifícios de negros, nativos e mulheres nos Estados Unidos. As mulheres só passaram a ter direito ao voto em pleno século XX e os negros foram massacrados moralmente até a década de 1960. Vemos que o ideal de democracia nos Estados Unidos sempre foi questionável. Houve escravidão até o século XIX... e apoiado pelo Partido Democrata, que tinha sua base eleitoral no sul escravista. O voto para a Presidência da República não é direto. Os colégios eleitorais possuem um grande peso na eleição presidencial.

E Concluindo...

Por mais que se questione a proposta evolucionista de Darwin, o racismo gerado por ele não é o grande foco do século XIX. O mundo formado a partir da Revolução Dupla, cujo século XIX é um discípulo nato, sentiu sede por desenvolvimento e progresso, e isso não foi restrito às ciências naturais. A evolução intelectual e a evolução financeira foram valores preciosos para o mundo ocidental. O século XX herdou do século XIX os hábitos de “olhar pra frente” e não temer os desafios. Crescer, desenvolver-se, evoluir e progredir foram palavras-chave no vocabulário do homem contemporâneo. Independente do racismo do século XIX, a humanidade trouxe para si a sede de evolução, do sucesso e da felicidade, seja no âmbito coletivo como no individual.

Darwin, como homem de seu tempo, mostrou ao mundo, que mesmo tendo ideias passíveis de questionamento, não temeu às críticas conservadoras, os desafios e as barreiras, mas olhou para frente e mostrou ao mundo que a evolução é viável. Independente da teoria da “origem das espécies” de Darwin ser verdadeira ou não, o século XIX provou que o homem é capaz de evoluir intelectualmente, mesmo mergulhado na ignorância do racismo. Compete à humanidade tomar posse de sua missão e buscar o progresso. Parafraseando o educador Paulo



Freire, nós somos “seres programados, mas, para aprender”. O ser humano é o único animal ciente de sua imperfeição. A curiosidade crescente, a busca pela evolução e pelo aprendizado são características da Humanidade. É buscando aprender mais que o homem se faz homem. É estando aberto para novos saberes que a raça humana se assume como tal. Darwin vestiu o uniforme da busca pelo conhecimento. Assumiu-se como aprendiz e encarou o futuro de frente.

Concluimos assim, resumindo nossa palavra em uma única frase: *O homem foi criado para evoluir.*

BIBLIOGRAFIA

HOBBSAWM, Eric John. A ERA DAS REVOLUÇÕES – 1789 A 1848. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998, 11ª edição.

_____. A ERA DO CAPITAL – 1848 A 1875. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977, 1ª edição.

FREIRE, Paulo. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. SABERES NECESSÁRIOS À PRÁTICA EDUCATIVA. São Paulo: Editora Paz e Terra, 3ª edição, 1997, p. 27.

